

INCIDÊNCIAS DAS TECNOLOGIAS NA (RE)CONFIGURAÇÃO DA EXISTÊNCIA HUMANA

MARIA ASSUMPTA PIMENTA DIAS COIMBRA
Instituto de Filosofia - Universidade do Porto (Portugal)
assumptacoimbra@gmail.com

RECIBIDO: 19/04/2010

ACEPTADO: 7/07/2010

Resumo: Neste artigo equaciona-se a importância e a influência das tecnologias nos modos de existência e estar no mundo contemporâneo, no relacionamento com os outros e com a Natureza. Defende-se a possibilidade de um aproveitamento qualitativo das tecnologias digitais em termos de vivência humana, numa linha interpretativa de demarcação de posições meramente reducionistas com a tónica no desenraizamento e empobrecimento humanos por si susceptíveis. Também numa delimitação de atitudes cépticas que percebem as tecnologias como desrealização e fragmentação do real ou conducentes à substituição irreversível do vivido pelo simulado. Por sua vez, remete-se para uma experiência fáctica situada no distrito de Coimbra, em Portugal, enfatizando-se a possibilidade de como as tecnologias se instituem condições de comunicação e de entreauda humana efectivas.

Palavras chave: existência humana, contemporaneidade, fragmentação, comunicação, tecnologias.

Abstract: This article analyzes the importance and influence of technology on ways of living and being in the contemporary world. It points out the possibility of a qualitative use of digital technologies in terms of human experience, within a line of demarcation that focuses on human impoverishment and uprooting. The proposal takes also into account some skeptical attitudes that perceive technology as derealization and fragmentation of reality, which leads to replacing what it is experienced by the simulated. In turn, we refers a factual experience in the district of Coimbra(Portugal) that emphasizes the possibility of using technologies in order to establish conditions for mutual and effective human communication and support.

Key words: human existence, contemporary world, fragmentation, communication, technology.

Resumen: Este artículo considera la importancia y la influencia de las tecnologías en los modos de existencia y de estar en el mundo contemporáneo, en relación con los otros y con la naturaleza. Se defiende la posibilidad de un aprovechamiento cualitativo de las tecnologías digitales en términos de experiencia humana, frente a una línea interpretativa de demarcación de posiciones meramente reducionistas, que ha destacado el desenraizamiento y el empobrecimiento humanos inherentes a ellos mismos. También delimita las actitudes escépticas que perciben las tecnologías como desrealización y fragmentación de lo real o conducentes a la sustitución irreversible de lo vivido por lo simulado. Asimismo, se remite a una experiencia concreta situada en el distrito de Coimbra, en Portugal, enfatizándose la posibilidad de cómo las tecnologías se han establecido como condiciones de comunicación y de ayuda interpersonal efectivas.

Palabras clave: existencia humana, contemporaneidad, fragmentación, comunicación, tecnologías.

1

As actuais tecnologias redefinem e metamorfoseiam a nossa quotidianidade em sentido plural e divergente quer ao nível do trabalho, do lazer, do relacionamento com os outros e na ligação à Natureza. Elas transportam-nos e propiciam uma outra ambiência com incidências decisivas em diferentes maneiras de informar, comunicar, conhecer, conviver, no fundo, de pensar e de sentir.

Por um lado, negativamente, elas podem facilitar a proliferação desmedida de actuações de afastamento da facticidade, do mundo empírico e de perda de referências físicas e ônticas dos seres vivos, por sua vez, sintomáticas de desenraizamento e de desvio, daquilo que Heidegger exprimiu como verdadeiro habitar do homem. Um habitar não percebido como mero existir biológico ou cultural, mas um morar, fruto da própria dinâmica do viver e apelando a uma perspectivação ôntico-ontológica.

Segundo Heidegger (1958) o desvelamento tecnológico das coisas, “Gestell”, não possibilita a autêntica revelação das coisas, um mundo genuinamente histórico, considerando o mundo tecnológico como um não - mundo.

A “Gestell” canaliza para a provocação da Natureza e para o desviar do destino humano, ou seja, para abordagens conducentes à perda do Ser. Ela implica a redução do Ser a uma possibilidade de ser (stock, reserva, fundo).

A “Gestell” conduz a que o homem possa ser definido não como um ser, mas como uma necessidade calculada. E por conseguinte, a essência da técnica deve ser perspectivada como um perigo na consideração do homem como um recurso, como um fundo, por sua vez, impedido da original significação de “poiesis” (fazer vir-à-presença / algo que surge de si mesmo) e, também, afastado da relação do homem consigo próprio, da sua essencialidade.

A questão da técnica como “Gestell” evidencia a ruptura com o Ser, a consumação da exterioridade total do Ser, do seu esquecimento.¹

¹ “Gestell” ou a essência da técnica Moderna é o termo que Heidegger usa para designar a maneira como as coisas são desveladas ou manifestadas na era tecnológica. Este termo significa: dispositivo, armação. A “Gestell” é um dispositivo ou armação, inerente à concepção tecnológica da natureza, que conduz ao interpelar, ao intimidar, ao acometer, ao provocar, ao planificar e ao disponibilizar como fundo.

Representa para Heidegger o acontecer técnico, do interpelar, do provocar e do ordenar que constitui a essência da técnica. É um mecanismo que interpela e provoca o homem a desocultar o real de um modo contra-natura, forçado e de modo utilitarista, sendo ele próprio também submetido a essa lógica.

“Gestell” é um modo unidimensional de desvelar os entes como matéria-prima e que induz a

De acordo com a interpretação heideggeriana o homem já não domina o movimento inerente à técnica e os instrumentos, os meios possibilitados por esta acarretam um modo peculiar de manifestar, de desocultar as coisas que se sobrepõe à Natureza e ao Homem.

Por sua vez, de acordo com outras leituras, estamos numa sociedade da comunicação sobressaindo a imagem e o ideal de um “homo communicans” cada vez mais dependente e afirmando-se na e pela comunicação, levando Breton (1994) a falar da ilusão libertadora da comunicação, da crença do viver social harmonioso pelo comunicar, de uma utopia que tende a persistir.

Sofremos de tal excesso de informação que Morin (1997) salienta aquilo que designa por “perigo informacional” e que leva-nos a sofrer “simultaneamente de subinformação e de sobreinformação, de falta e de excesso” (Morin, 1997, p. 19).

E Schenk (1997) equacionando os problemas levantados pela abundância informativa e pela saturação de mensagens na actualidade, interroga-se acerca da própria capacidade física dos indivíduos para lidarem com as características do novo contexto (uma só edição do “New York Times” contém tanta informação quanta uma pessoa no século XVII dispunha ao longo da sua vida!). E salienta o perigo da crescente incapacidade de concentração, motivada pela proliferação em excesso de estímulos comunicacionais, sobretudo, a tendência para a “nichificação” e para a “tribalização” de estilos de vida e de grupos de interesses que se expandem no presente.

Também o desenvolvimento tecnológico, com o acesso e penetração em mundos virtuais pode vir a direccionar para o que Baudrillard (1996) apelida de desrealização do real e de enfraquecimento dos limites entre a ficção e o real.

Este salienta como nefastas e caracterizadoras da desrealização do mundo e da vida o desaforo da informação e as situações simuladoras inerentes à realidade virtual, que acabam por nos fazer penetrar no que Baudrillard (1981) apelida de “sociedade do simulacro generalizado”, ou seja, uma sociedade exterior à história; numa fabricação de dados individuais e/ou colectivos, em que a realidade remete para a ficção e em que a ficção é a própria realidade.

Ainda, noutro sentido, as tecnologias digitais podem ocasionar situações alienantes, actuações solipsistas e narcisistas, uma vez que ultimamente, já é insuficiente apelidar, por si só, a sociedade actual como sociedade da

humanidade a comportar-se em conformidade com o imperativo tecnológico de expandir a produção infinitamente, para benefício da própria produção em si. A época da “Gestell” caracteriza-se por um modo específico e histórico de manifestação do Ser, ao mesmo tempo que se oculta ou resguarda nessa mesma manifestação. (Cf. Heidegger, 1958, p. 27; Heidegger, 1968, p. 286 ss.). Sobre a “Gestell” ver o desenvolvimento em: Heidegger, 1958, pp. 9, 48.

informação. Caminhamos para uma era da informação “por medida”, em que segundo Turow (1997) o objectivo dos próprios “Media” e da publicidade é personalizar as mensagens e o consumo.

Estamos perante um panorama sociocultural em que o próprio modelo comunicacional assenta, única e exclusivamente, naquilo que cada um deseja. Esta hipótese, leva Turow (1997), a questionar-se sobre que tipo possível de coesão social ocorrerá numa sociedade tendente para a fragmentação e, onde, a dinâmica de pertença aos vários grupos determinados, é feita mediante a partilha de identidades, estas, por sua vez, delineadas pelas estratégias de marketing dos “Media”, eles próprios, segmentadas pelo seu ajustamento aos perfis consumistas.

2

Na verdade, muito haverá a reter de sobreaviso face ao eventual perigo de um emprego desenfreado e desmedido das tecnologias nas nossas vidas e na nossa interacção com o mundo.

Mas também é necessário salientar que positivamente, por outro lado, as mesmas tecnologias potenciam o aparecimento inusitado de formas de acesso à informação e de criação de conhecimento.

Que o seu uso fomenta a implicação individual e cooperativa, incentiva ao relacionamento intersubjectivo, a novas práticas de sociabilidade, a diferentes formas de auxílio e do exercício da solidariedade. Ainda que a sua utilização pode facilitar a criação de espaços colectivos e a diversidade de comunidades, privilegiando-se o fluir, o desenvolver e o relacional, em consonância com o que P. Lévy (1997) designa como inteligência colectiva.

A este respeito P. Lévy defende que actualmente estamos perante uma mudança nas formas de inteligência colectiva, inigualável em épocas anteriores, particularmente, fruto da possibilidade de conexão em tempo real e da partilha facultada pelas redes numéricas planetárias. Para P. Lévy (1995a) este projecto passa pelo aproveitamento qualitativo, sensato das técnicas de comunicação de suporte numérico, pelo ciberespaço, constituindo este, um salto positivo em direcção a novas formas de inteligência colectiva.

Significativamente, a inteligência colectiva valoriza e estimula a subjectividade, o desenvolvimento das competências pessoais, promove a autonomia, ou seja, “é um processo de crescimento, de diferenciação e de reflorescimento mútuo das singularidades” (P. Lévy, 1995, p. 33).

Esta inteligência colectiva assenta no reconhecimento e enriquecimento mútuo das pessoas e apela à consciencialização daquilo que os grupos humanos podem fazer em conjunto, à comunhão de ideias (projectos cognitivos), ao engendrar de elos sociais e, portanto, reenvia para a importância dos problemas serem equacionados numa lógica de proximidade e implicação.

E, por conseguinte, não deve ser percebida no aspecto meramente cognitivo, constituindo-se como abordagem geral da vida social, implicando aspectos tecnológicos ou organizativos, ao lado do remeter para as dimensões éticas, estéticas, para uma economia e uma política.

Na sua caracterização está o facto de os seres humanos usufruírem e enriquecerem-se singularmente mercê da sua interacção na inteligência social e o contribuírem para a vida dessa mesma inteligência colectiva de modo individualizado e dinâmico.

Assim P. Lévy separa-se de uma interpretação mercantilista da inteligência colectiva e de pontos de vista meramente analíticos que vêem o ciberespaço como um “imenso mercado transparente e planetário de bens de serviços” (1997, p. 246). Ou seja, encarado na óptica de um centro comercial à escala mundial, susceptível da supressão de intermediários no fornecimento de informações, de produtos e de conteúdos diversificados e cumprindo mais uma fase do liberalismo económico.

Lévy frisa a necessidade da apropriação qualitativa do ciberespaço em termos de afirmação humana, porque as redes digitais interactivas também podem descambar em stress comunicacional, na dependência, na dominação, na exploração, enfim, no empobrecimento humano. Isto é, com elas, podemos imergir num dilúvio informativo infundável (segundo dilúvio, em comparação com o bíblico) onde há necessidade imperiosa de saber nadar, flutuar e navegar com rumo.

E a este respeito importa remeter para a crescente consolidação de estilos existenciais e modelos culturais influenciados pelo multimédia / hipermédia, pela realidade virtual, pelas redes de telecomunicações digitalizadas, caso da Internet, que a grande velocidade nos possibilitam penetrar em mundos simulados, mas também comunicar e interagir “on-line” com pessoas.

Estamos a referir-nos à possibilidade de concretização com o ciberespaço de modos de informação, de comunicação e de expressão “não mediática, interactiva, comunitária, transversal, rizomática” (P. Lévy 2000, p.138). Porque relativamente aos meios de comunicação anteriores, o ciberespaço subentende a informação em fluxo e o virtual, favorecedores de uma relação não mediatizada com a informação.

O ciberespaço faculta a ubiquidade da informação, a simulação, a telepresença, a desterritorialização encorajando relações intersubjectivas independentes dos lugares geográficos e da coincidência temporal; ao lado da participação em comunidades virtuais, do acesso a documentos interactivos interligados, bem como a hiperdocumentos partilhados e ao hipertexto e a comunicações assíncronas de grupos e entre grupos.

Com P. Lévy frisamos a importância de uma apropriação qualitativa das tecnologias digitais no sentido de asseveração humana e não de perda de prerrogativas cognitivas, afectivas e sociais, ou mesmo, de asfixia de identidades e de mera artificialização e afastamento do mundo natural.

Porque, de facto, as transformações comunicacionais contemporâneas afiguram-se susceptíveis de interpretações e de concretizações ambivalentes, dependentes da intencionalidade do utilizador. E daí, em nosso entender, a importância e aposta na educação, na formação integral das pessoas.

Face à imensidade de informação hiper-intensa e hiper-fragmentada, vinda do ciberespaço, há necessidade de uma formação integral e generalista, que simultaneamente, fomente o pensar e a interacção e não o alheamento do mundo imediato envolvente.

Assim trata-se, também, de remeter para uma formação que ajude a (des)construir a acentuada tendência nas redes digitais, como sugere metaforicamente Raúl Delarbre, “de olhar algumas árvores e não o bosque” (1996, p. 95). E, também, para que seja possível uma demarcação e alternativa às situações de massificação e de uniformização presentes na sociedade industrial e na sociedade do espectáculo (G. Debord 1972).

Visto que, doravante, é exequível a concretização de uma alternativa aos “Mass Media” (imprensa, rádio, televisão analógica, cinema ...). Ou seja, uma quebra a favor de uma comunicação transversal, interactiva e recíproca, de uma ligação cooperativa e identitária de colectivos humanos, que P. Lévy apelida de dispositivo comunicacional “todos - todos” (2000, p.67).

Um tipo de comunicação que, por sua vez, possibilite ser, simultaneamente, emissor e receptor e faculte a interacção, a cooperação e a pesquisa em contextos diversificados e similares de interesses e de saberes. E conseqüentemente, favoreça que a tónica seja colocada na reciprocidade, nas interacções transversais e comunitárias, no respeito pelo contexto particular e na singularidade do receptor, em vez de meras mensagens mediáticas e do consumo passivo e isolado dos destinatários.

Urge perceber que os espaços públicos, os tipos de comunidades e de relacionamento interpessoais susceptíveis com as actuais tecnologias digitais, podem não nos deslocalizar e temporalizar, no sentido de nos fazer imergir na

impessoalidade, numa situação de massificação dos “Media” e submetendo-nos a toda uma série de uniformidades.

Ainda pensamos de grande relevância sublinhar um outro aspecto inerente ao emprego das actuais tecnologias e que tem vindo a ser interpretado em sentido divergente.

Por um lado, referimo-nos às avaliações derrotistas das tecnologias digitais como substitutivas e causadoras de alienação ontológica e de rupturas irreversíveis com o natural.

E por outro, às análises que sustentam a complementaridade, a complexificação e, por conseguinte, sublinham as sinergias, as articulações, em vez da substituição, pura e simples, do real pelo técnico, pela simulação ou pelo virtual.

Mais do que a sobreposição do virtual ao real, defendemos a materialização de situações duais (analógica e digital). Colocamos a tónica na complementaridade e na complexificação, em lugar da defesa de um ponto de vista substitutivo.

De acordo com P. Lévy (1997) há que perceber o sentido de crescimento simultâneo e constatar, por exemplo, que o uso das telecomunicações, o recurso à telepresença ou, em termos genéricos, o aumento da comunicação via ciberespaço, não têm revezado, pura e simplesmente, os contactos humanos directos e não têm afastado as deslocações físicas.

Nas práticas sociais efectivas mais do que pressupor o ultrapassar completo e radical dos tradicionais modos de comunicar, há que analisar a tendência histórica no sentido do crescimento simultâneo dos instrumentos de telecomunicações e dos transportes. Ainda o proliferar de diversos modos de comunicar e de interagir e, conseqüentemente, há que reconhecer o seu desenrolar paralelo e complementar.

Hodiernamente é inegável a presença e a preponderância das tecnologias digitais nos modos de apropriação da vida, em formas de existência concretas, de socialização, de inter-ajuda não se verificando nas relações humanas, por si só, a mera troca do natural pelo digital e não sendo, de todo, discriminatórios factores como a idade, o território, a agilidade física ou a separação espaço-temporal.

Elas acarretam outras feições no trabalhar, no investigar, no aprender, no sentir, no recordar, no jogar, no ajudar, enfim, no estar com os outros. Também alterações no experienciar de situações de proximidade e de vizinhança, afectando a percepção do nosso próprio domicílio.

Estas também podem contribuir para um habitar numa rede de restituição de acolhimento, num sentido protector, familiar, íntimo, talvez, na óptica de

desconstrução da crítica e do alerta heideggeriano de que os dispositivos da técnica moderna (Gestell) desenraízam e alienam o próprio ser do homem.

Para além do perspectivar o habitar em termos de essência, de ser ou de o reduzir à simples vertente biológica, importa valorizar no seu ensejo a intercomunicação e as relações intersubjectivas.²

Tal posicionamento acarreta relevar a afeição pública do habitar e, essencialmente, pressupor uma incessante compleição hermenêutica num mundo habitado de outros e com os outros.

E conseqüentemente, interessa remeter para o conceito de prática social, para um tipo de sociabilidade que mantenha implícita a relação viver-fazer-habitar.

Sobretudo, hodiernamente, interessa compreender que é inconcebível e inexequível conceber o (com)viver e conferir um sentido ao habitar humano à margem do desenvolvimento das novas tecnologias.

É inegável que elas, para o bem ou para o mal, interpõem-se e influem nos modos de ser, de estar e de habitar. E, conseqüentemente, cada vez mais habitamos em mundos plurifacetados, versáteis e intrincados.

De modo apreensivo é legítimo evocar e alertar para circunstâncias empobrecedoras como as observadas com a síndrome “hikikomori” no Japão, caracterizada pela hipercomunicação tecnológica e pelo afastamento físico imediato. Situação que se manifesta em comportamentos de extremo isolamento doméstico, no qual adolescentes substituem o convívio e a comunicação física com a família pelos entretenimentos virtuais.

Mas também, contrariamente, é possível reenviar para uma apropriação das actuais tecnologias em termos de afirmação humana. Positivamente elas podem constituir factores de convivência, de personalização, de solidariedade, de entreatajuda.

3

Remetemos de modo específico para a operacionalização de um Centro de Atendimento Permanente, agregado a uma estrutura tecnológica designada por “Helpphone”, susceptível de corresponder a uma nova dinâmica na prestação de Cuidados Continuados a Idosos no domicílio.

² Mientras la ‘morada’ posibilita lenguajes solipsistas, privados y solo para iniciados, el ‘habitar’ requiere espacios públicos – de com-vivencia y de compromiso – merced a los que las distintas actividades haceres – adquieren significado y sentido. Requiere, en una palabra, lenguajes públicos fruto de los ‘haceres’ intersubjectivos” (Arnaiz, G. G. R 2009, p. 163).

É um projecto que está em desenvolvimento no Distrito de Coimbra, em Portugal, vocacionado para a população mais velha e implementado como “uma aposta clara na prestação de cuidados de saúde, a par de outros serviços de natureza social” (IX Congresso Nacional das Misericórdias, 2010, p. 157).³

Trata-se de uma situação, que apelidamos de boa prática onde, malgrado não aconteça sempre a presença física, verifica-se a possibilidade de interpelação pessoal vinda de outrem e a partilha solidária do tempo e do espaço. Com ela efectiva-se o apoio de alguém capaz de falar e de escutar, ou seja, de alimentar uma dinâmica de acolhimento relacional geradora de solidariedade e entajuda humanas.

Tomando como referência o espaço rural interior do país, este projecto promovido pela Santa Casa da Misericórdia de Arganil, pressupõe dois pilares que interagem.

Uma componente tecnológica, uma central que concentra um serviço de “Call Center” no qual são inseridos dados e informações essenciais à existência de um canal de comunicação 24 horas, por sua vez, garantido por um conjunto vasto de equipamentos de monitorização existente no domicílio.

E uma componente de serviços directos, um conjunto de respostas e recursos existentes no seio das instituições, com particular atenção para as equipas multidisciplinares. Estas equipas asseguram a prestação de serviços e o respectivo acompanhamento, aprofundando o elo necessário à manutenção do cidadão no seio do seu contexto familiar e relacional.

Dos objectivos inerentes a esta iniciativa destacamos especialmente os propósitos de retardar a institucionalização dos cidadãos nas respostas tradicionais e, simultaneamente, possibilitar o reforço dessas mesmas respostas.

No cômputo geral esta experiência tem no seu âmbito facilitar toda uma série de condições tais como: a continuidade do acompanhamento e do processo de inserção, a monitorização 24 horas das pessoas no domicílio, a rentabilização de recursos, a articulação com outras respostas sociais já existentes, bem como, a partilha de informação imediata entre os vários profissionais (enfermeiros, fisioterapeuta, nutricionista, assistentes sociais e psicólogos, a par das equipas de prestação de cuidados básicos, tais como higiene e limpeza).

³ Todos os dados acerca deste projecto foram recolhidos oralmente junto da Santa Casa da Misericórdia de Arganil e nos documentos:

- Projecto “Revitalizar um Território Rural”. PROGRIDE, Medida I.

- (2010) *IX Congresso Nacional das Misericórdias. Modernização e Inovação. Instrumentos da Sustentabilidade e da Qualidade*. Braga: Publito Estúdio de Artes Gráficas, Lda.

- (2009) *Relatório de Avaliação 2009*.

Volvidos quatro anos desde a implantação deste projecto, é possível identificar alguns resultados e verificar o impacto desta iniciativa que, a nosso ver, consolidou localmente, uma nova forma de agir e intervir junto dos mais velhos.

Os resultados obtidos permitem constatar que para além do número significativo de utentes apoiados em permanência por esta resposta, registou-se a redução de institucionalização das pessoas idosas e, também, verificou-se um retardar em dois anos e meio da necessidade de admissão em Lar dos cidadãos apoiados.

O que nos parece particularmente pertinente neste projecto é precisamente a sua visão positiva e pedagógica, ligada à desconstrução de estereótipos, relativamente à existência de sectores populacionais irremediavelmente excluídos do acesso e marginalizados no uso das tecnologias.

Também o desmentir de fobias e de posições unilaterais ou de análises interpretativas cépticas e derrotistas acerca do impacto das tecnologias em termos do viver humano.

Outro aspecto a reter no âmbito desta experiência é o facto de ter havido ocorrências de comunicação e de diálogo solicitadas à margem da programação específica de prestação de cuidados de higiene, reabilitação e enfermagem (nomeadamente o controlo do medicamento no domicílio). Desse universo de solicitações, 43% dizem respeito ao problema da solidão, cabendo ao serviço de “Call Center”, que suporta a recepção dos pedidos, o apoio nesta área.

E, relativamente à reflexão que intentamos sobre as actuais tecnologias, este é um cenário que evidencia a oportunidade para uma maior agilidade e flexibilização da actuação desta instituição, na medida em que contribuíram para reduzir o sentimento de insegurança e de solidão dos idosos e, ainda, possibilitaram a continuidade das pessoas nas suas casas.

Em termos de perspectivar o uso mais completo das actuais tecnologias deixamos o desafio da utilização simultânea da imagem, do som e da escrita. Nomeadamente, com a inclusão no projecto do recurso à Internet, a “webcams”, câmaras Web, ou outros acessórios tecnológicos periféricos afins. Tudo isto, equacionando a passagem do “analógico” ao “digital”, com o intuito de viabilizar uma maior interacção, complementaridade e enriquecimento na comunicação.

4

Como insistem algumas análises, actualmente assiste-se ao alastrar de “não-lugares” (M, Augé, 2005), isto é, lugares desposados de cultura e de história, de

anonimato, desprovidos de sentido antropológico e sintomáticos de uma sociedade precária, fragmentada e “líquida” (Bauman 2004).

Mas também, com as tecnologias é possível pôr a tónica no respeito e nos cuidados humanos, no sentido de um corte com a solidão e com o mutismo de uma vida sem valimento.

Mediante elas é viável a apropriação qualitativa de espaços carregados de silêncio e despidos de atenção; também o favorecer laços e cooperação entre as pessoas.

Com a sua mediação, provavelmente pode ser concedida densidade ontológica às existências humanas. Apesar dos desafios às costumadas formas de pertença aos lugares, da própria noção de casa ou de habitação se transfigurarem e não ser viável, por vezes, o aroma e o tacto!

Porque em termos de enriquecimento pessoal e intersubjectivo, mais do que a simples permuta de bens e da exibição das potencialidades materiais dos lugares, está o modo como são, efectivamente e subjectivamente, percebidos, logrados e compartilhados.

E, por conseguinte, rejeitamos como linear e redutora a interpretação de que o acelerado desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação provocam irremediavelmente a perda do local e do outro. Concomitantemente à experimentação exclusiva de um sentimento de enclausuramento, de prisão domiciliária e de ameaça à intimidade.

É verdade que o aperfeiçoamento tecnológico permite transformar em realidade a mera ficção científica do “Big Brother” de Orwell (1981). E, mesmo, excedê-la com a materialização de satélites, de cartões digitais, de câmaras de vídeo ou de pulseiras electrónicas que vigiam permanentemente todos os nossos movimentos em locais públicos, na vida privada e na intimidade.

Mas também, importa expressar que estas ferramentas podem ser utilizadas de modo plural, potenciando ou não, formas de hospitalidade, de acolhimento, de doação e de humanização dos espaços. Simultaneamente, podem ou não possibilitar a nossa realização como pessoas, como seres de relação, ou seja, como seres-no-mundo-com-os-outros.

Não podemos deixar de mencionar um outro pormenor inerente ao projecto deste Centro de Atendimento Permanente e que pode corroborar a nossa insistência nesta análise optimista acerca das potencialidades das tecnologias digitais.

É que, nesta experiência, do outro lado do mesmo circuito comunicativo, nos serviços de apoio, diálogo e encaminhamento das mensagens, estão pessoas portadoras de deficiências físicas que, simultaneamente, ao cumprimento de compromisso cívico, substanciam uma dinâmica relacional, um poder de

interpelação e de apelação, uma experiência de proximidade com todo o próximo, do ponto de vista ético, susceptível de ser apelidado de hospitalidade recíproca.

Mais do que contributo de deslocalização, de crise de enraizamento ou de obturação da dimensão do habitar, as tecnologias digitais podem constituir um contributo a favor do relacional, de abertura a uma hospitalidade de cariz intercultural e inter-geracional. Por sua vez, susceptíveis de possibilitar a construção de comunidades, o exercício da cidadania e também o combate ao isolamento e à solidão.

Indiferentemente do lugar físico ou temporal, com elas, é viável perpetuar o desejo e a necessidade de convivência humana. Com elas é permissível a fundação de condições de sociabilidade e o investimento em situações comunicacionais de feição antropológicas, de ligação e partilha de vida de sujeitos com rosto.

Defendemos que as tecnologias não implicam, por si só, o divórcio com a sociedade ou com a vida. Que podem abrir campos de oportunidades, de possibilidades de enriquecimento intersubjectivo e de afirmação axiológica.

Nomeadamente sustentamos que o digital permite perspectivar processos simbióticos entre o tecnológico e o social, desafiando a novas formas de práticas socioculturais, em alternativa à racionalização dos modos de vida e da dominação da Natureza, típicas das tecnologias electro-mecânicas (analógicas).

Com as tecnologias digitais as manipulações e as simulações digitais podem não ser utilizadas meramente numa linha linear e determinista de programação tecnocrática do natural e do social. Mas sim, potenciarem outras perspectivas, outras sinergias entre a técnica e as práticas sociais contemporâneas, inclusivamente, cooperantes e lúdicas.

E por conseguinte, demarcamo-nos das meras interpretações negativistas tão do gosto dos netcépticos. Que na linha de acentuação de empobrecimento humano, da desrealização e desenraizamento do mundo e da vida, persistem na preconização e consolidação da substituição / revogação do natural e do real pelo virtual e simulado.

Mais do que o insistir na destruição radical importa reconhecer a instauração de novas dinâmicas e reconfigurações possibilitadas com a emergência das redes telemáticas digitais.

Melhor que sustentar um modelo meramente substitutivo ou transpositivo há que assegurar a complementaridade, as sinergias e a complexificação.

Há que pensar formas complexas e integradas que também evitem o determinismo tecnológico de que a mera inclusão de uma rede técnica, por si só, possa originar processos de sinergias socioculturais.

Bibliografia

- Arnaiz, G. G. R. (2009), “Las Prácticas Sociales Como Figuras Éticas del Habitar”, in *Argumentos de Razón Técnica*. Paula Cristina Pereira (coord), serie especial, número 2, 2009, pp.161-170.
- Augé, M. (2005), *Não-Lugares - Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Lisboa: 90 Graus Editora.
- Baudrillard, J. (1981), *Simulacros e simulação*, Lisboa: Relógio D’Água.
- (1996), *O Crime Perfeito*, Lisboa: Relógio D’Água.
- Bauman, Z. (2004), *L’amour Liquide*, Chambom: Le rouergue.
- Breton, Ph. (1994), *A Utopia da Comunicação*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Debord, G. (1972), *A Sociedade do Espectáculo*, Lisboa: Edições Afrodite.
- Delarbre, R. T. (1996), *La Nueva Alfombra Mágica - Usos y Mitos de Internet, la Red de Redes*, Madrid: Producción Editorial Tabapress, Fundesco.
- Heidegger, M. (1958), *Essais et Conférences*, Paris: Gallimard.
- . (1968), “Identité et Difference”, in *Questions I e II*, Paris: Gallimard, pp. 253-310.
- . (1986), *Être et Temps*, Paris: Gallimard.
- IX Congresso Nacional das Misericórdias. Modernização e Inovação. Instrumentos da Sustentabilidade e da Qualidade*. Braga: Publito Estúdio de Artes Gráficas, Lda
- Lévy, P. (1995), *L’intelligence collective - Pour une anthropologie du cyberspace*, Paris: Éditions la Découverte.
- . (1995a), *Qu’est-ce que le virtuel?*, Paris: Éditions la Découverte.
- . (1997), *Cyberculture*, Paris: Éditions Odile Jacob.
- . (2000), *World Philosophy*, Paris: Éditions Odile Jacob.
- Morin, E. (1997), *As Grandes Questões do Nosso Tempo*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Orwell, G. (1991), *1984*, Barcelona: Destino.
- Shenk, D. (1997), *Data Smog. Surviving the Information Glut*, Harper Collins.
- Turow, J. (1997), *Breaking Up America - Advertisers and the New Media World*, Chicago: University of Chicago Press.